PELA VIDA DAS MULHERES!

CONTRA O IMPERIALISMO, POR DEMOCRACIA, SOBERANIA E O FIM DA ESCALA 6X1!

Por que vamos às ruas no dia 8 de Março de 2026, Dia Internacional de Luta das Mulheres?

O ano de 2026 começou trazendo à tona os enfrentamentos e denúncias que nós, mulheres, temos articulado. No Brasil e no mundo, estamos na linha de frente contra o avanço do neoliberalismo e do fascismo.

Resistimos às violências direcionadas aos nossos corpos e mentes. Resistimos a um modelo de família patriarcal, racista, heterossexual e cisgênero, que reforça a ideia de que as mulheres devem se subordinar aos homens.

Nos últimos anos, a mobilização das mulheres foi fundamental para enfrentar o bolsonarismo, a direita e extrema direita. Neste ano eleitoral não será diferente. Precisamos de um país cada vez mais justo e solidário, que enfrente as desigualdades.

Nossa organização é fundamental para fazer frente à agenda neoliberal, conservadora e fundamentalista que insiste em beneficiar os mais ricos, enquanto retira nossos direitos e precariza nossas vidas.

> Para nós, da **Marcha Mundial das Mulheres (MMM)**, o dia 8 de março é um chamado à organização feminista permanente.

Somos um movimento feminista internacional. Estamos em mais de 60 países, em 5 regiões do mundo. Aqui no Brasil, nos articulamos em 23 estados, com coordenações estaduais, municipais, núcleos e coletivos territoriais.

Acreditamos que a luta feminista se constrói a partir da realidade concreta da vida das mulheres. Nossa estratégia é a auto-organização em todos os lugares onde atuamos. Construímos um feminismo popular em que todas nós somos parte importante, mulheres trabalhadoras, do campo, da cidade, das águas e florestas. Nossa diversidade nos dá força para ser resistência contra as violências do capitalismo racista e patriarcal.

Queremos construir alternativas populares que coloquem a vida no centro, e não o lucro. Nosso feminismo anuncia que é possível, sim construir outro mundo para além do controle capitalista da natureza.

Para isso, precisamos colocar em prática a reforma agrária popular, a demarcação de terras indígenas e territórios tradicionais, e fortalecer as práticas da economia solidária feminista e da agroecologia.

O 8 de março é um dia histórico de luta das mulheres **trabalhadoras.** Nessa data, relembramos **a ação coletiva das mulheres** que, em 1917, iniciaram a Revolução Russa lutando contra a fome e a guerra.

Naquele momento, as **mulheres socialistas** já entendiam que é preciso lutar por uma transformação completa do mundo. **Já denunciavam que o capitalismo é racista, colonialista e patriarcal** e, para se expandir pelos territórios, precisa controlar o corpo, o trabalho e os modos de vida das mulheres e dos povos.
A resistência coletiva das mulheres atravessa a história na luta por igualdade.

QUEREMOS MUDAR O MUNDO E A VIDA DAS MULHERES EM UM SÓ MOVIMENTO.

LUTAMOS PELO FIM DA ESCALA 6X1

REDUÇÃO DA JORNADA DE TRABALHO, VALORIZAÇÃO DO SALÁRIO MÍNIMO E SOCIALIZAÇÃO DO TRABALHO DOMÉSTICO E DE CUIDADOS!

Para as mulheres, a carga de trabalho parece não ter fim. Nosso trabalho sustenta a economia, e sentimos as consequências disso com nosso adoecimento físico e emocional. Também temos os empregos mais precários, com longas jornadas. Queremos mudar o jeito que o trabalho é organizado na sociedade, porque o modelo atual, capitalista neoliberal, coloca o lucro acima da vida.

O fim da escala 6x1 é uma luta feminista. Queremos diminuir a jornada de trabalho sem diminuir os salários. Queremos políticas públicas para dividir a responsabilidade do trabalho doméstico e de cuidados entre todas as pessoas e o Estado. Essa mudança é condição para a igualdade e a democracia. Queremos políticas de reparação para as mulheres negras e indígenas que enfrentem o racismo que estrutura a sociedade brasileira.

Como vamos avançar na conquista de direitos se o Congresso Nacional pressiona por cortes nas políticas sociais? Sob a justificativa mentirosa de corte de gastos, esses representantes atuam para seus próprios interesses. Este ano faremos o enfrentamento nas ruas, redes, roçados e nas urnas!

Precisamos debater os rumos do orçamento público. Sem isso, não há como discutir mais direitos e mais democracia. A resistência do Congresso em taxar os mais ricos enquanto penaliza as pessoas mais pobres com uma carga tributária injusta mostra isso. Quando exigimos políticas para as mulheres, exigimos políticas para o conjunto das mulheres, em toda a sua diversidade, especialmente aquelas que mais enfrentam as desigualdades, pobreza e discriminações.

UM MUNDO SEM VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES É POSSÍVEL!

Todos os dias, tomamos conhecimento de casos de feminicídios, lesbocídios, transfeminicídios, agressões em locais públicos e privados. Imagens divulgadas em redes e mídias sociais controladas pelas grandes empresas transnacionais naturalizam a violência contra as mulheres. **A violência patriarcal não é um fenômeno isolado, e sim uma ferramenta política de controle territorial e social.**

O aumento da violência contra as mulheres significa um maior controle de nossos corpos e de nossas vidas. Lideranças da direita e extrema-direita no Brasil e no mundo reforçam a ideia de que as mulheres são propriedade dos homens.

Afirmamos: somos mulheres e não mercadoria! Nossa luta por um mundo livre de opressões envolve todas as dimensões da vida das mulheres.

Lutamos por justiça reprodutiva, e por isso **defendemos que o aborto seja legal, seguro e gratuito**, como um direito fundamental. Defendemos que **todas as mulheres e pessoas que gestam** tenham **autonomia para decidir** sobre seus corpos, sem culpa!

Da mesma forma que reivindicamos autonomia de nossas vidas, defendemos os bens comuns, ou seja, tudo que é necessário para garantir que a vida aconteça. Lutamos pela ampliação dos serviços públicos com garantia efetiva do direito à saúde, educação, território, moradia, cultura e lazer, cuidado, alimentação saudável, água, comunicação, energia.

É urgente o **fim do genocídio das juventudes negras e periféricas,** nas favelas, assentamentos, quilombos e aldeias. Corpos historicamente violentados pelas invasões de seus territórios, pelo racismo estrutural, omissão do Estado e pela criminalização de suas formas de resistência e existência. **Basta de violência policial e de políticas de morte** e encarceramento em massa da população negra, empobrecida e dos povos indígenas.

A nossa resposta feminista é a auto-organização. Quando nos organizamos em coletivos e grupos de mulheres, articuladas com outros movimentos sociais, conseguimos lutar com mais força por um **mundo livre de violências.**

MULHERES LIVRES, POVOS SOBERANOS! CHEGA DE IMPERIALISMO!

Vivemos um contexto internacional de ofensiva imperialista, especialmente na América Latina e no Caribe. Isso se expressa no ataque dos Estados Unidos à Venezuela, que deixou mais de 40 pessoas mortas e sequestrou o presidente Nicolás Maduro e a deputada Cilia Flores. Contra Cuba, aprofundam o bloqueio econômico que existe desde 1959, ameaçando qualquer nação que envie petróleo para a ilha.

Dentro dos Estados Unidos, o povo sofre com o racismo e a violência da polícia antimigração, o ICE. Na Palestina, o povo sofre um genocídio pelo exército de Israel, que é apoiado pelos Estados Unidos e sua indústria de armas. **Diante de sua decadência, o império reforça sua economia de guerra.**

SEGUIREMOS EM MARCHA

ATÉ QUE TODAS SEJAMOS LIVRES!

O imperialismo também está na presença **das empresas transnacionais** que invadem territórios e comunidades para explorar os nossos bens comuns e destruir a identidade dos povos.

As **empresas transnacionais de tecnologia** dos Estados Unidos (chamadas de **Big Techs**) são donas das plataformas de redes sociais digitais por onde passa toda nossa comunicação. Elas usam essa infraestrutura para aumentar a propagação da extrema direita, do conservadorismo, do racismo e da misoginia aqui no Brasil.

As tentativas de privatizar empresas públicas e de bens comuns como a água e a energia são outras estratégias do imperialismo. Tentam, com isso, roubar nossos territórios, explorar a natureza e nosso trabalho. Os grandes complexos de energia eólica e solar também são exemplos: as empresas fazem propaganda como se essas energias fossem “limpas”, porém sabemos que tiram as pessoas de suas comunidades para sua instalação e não vemos essa produção de energia diminuindo as contas do povo.

Na atual conjuntura, o império estadunidense se alinha cada dia mais ao fascismo que tem se reorganizado por todo o mundo. Nós, mulheres, sentimos esses impactos de forma cada vez mais violenta e sistemática. Somos alvo central de um sistema que nos elege como inimigas para impor mais controle e disciplina a nossos corpos e trabalhos.

No Brasil, vivemos um ano decisivo: não podemos deixar a extrema direita entrar no poder novamente. Por isso, precisamos estar nas ruas no 8 de março e todos os outros dias, defendendo a soberania dos povos e a construção de um país solidário e livre de desigualdades. Isso significa defender os bens comuns, criar e garantir políticas públicas e direitos sociais para que as condições dignas de vida não sejam apenas para quem pode pagar por elas.

Enfrentamos a lógica que transforma tudo em mercadoria — inclusive o trabalho, o tempo e os cuidados — e reafirmamos a autodeterminação dos povos. Por isso seguimos em permanente solidariedade feminista internacional: **Fora Trump da América Latina e do Caribe! Seguiremos em marcha, até que todas sejamos livres!**

Quer se organizar com a gente? Entre em contato!

@marchamulheres
@marchamundialdasmulheresbrasil
@MarchaMundialdasMulheres

Site: marchamundialdasmulheres.org.br

E-mail: marchamulheres@sof.org.br

Crédito das fotos: Noelly Castro e Nívea Magno